

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.  
Annuncios e communicados, a 50 rs' linha.  
Repetições ..... 25 rs linha.  
Annuncios permanentes 5 " "  
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

# O POVO D'OVAR

## AS REFORMAS

Tem levantado grande ce-  
leuma no paiz as novas refor-  
mas, apresentadas pelo minis-  
terio.

Na sua apreciação, a im-  
prensa divide-se: uns jornaes  
apoiam-nas incondicional-  
mente, outros atacam-as in-  
condicionalmente tambem.

Quando foi que isto não  
succeheu entre nós? Nunca. A  
politica obriga a isto, e os par-  
tidos, pondo delado o seu pa-  
pel, jogam a seu sabor com a  
opinião publica. D'ahi as in-  
coherencias, de que estão dan-  
do mostras todos os dias, d'ahi  
a sua nenhuma força, quan-  
do, chegado o momento criti-  
co, pretendem appellar para  
o povo.

\*

Pela rapida leitura que fi-  
zemos d'essa reforma ajuizá-  
mos que ella tem dous funda-  
mentos distinctos.

E' o primeiro unificar as  
despezas: é o segundo centra-  
lisar nas mãos do governo es-  
sa enorme força dos empre-  
gados, hoje ás ordens das ca-  
maras.

Não ha duvida que a pri-  
meira base tem o seu lado  
bom. E' manifesta a desigual-  
dade nas contribuições muni-  
cipaes. Uns municipios vivem  
apouadamente, com im-  
postos onerosissimos, em-  
quanto que outros passam vi-  
da folgada. E se continuarem  
seguinte na sua administra-  
ção desregrada a mesma nor-  
ma, dentro em pouco a vi-  
da torna-se lhe insupportavel.  
D'ahi resulta necessariamente  
uma tutela imposta pelo go-  
verno.

O lado mau está na pro-  
pria equaldade que se preten-  
de. Se o povo tem o governo  
que merece, justo é que os  
municipios, que até hoje es-  
colheram maus administrado-  
res, paguem seus erros e el-  
les não sejam imputados aos  
outros que se teem sabido go-  
vernar. E se ainda no futuro  
não tirarem lições do passado  
tanto peor para elles.

De mais, que prova nos  
teem dado os ministerios de  
bem administrar, para que  
possam ser tutores das demais  
corporações?

Vivendo a nação em com-  
pleta paz, não tendo compli-  
cações algumas de vulto, mes-  
mo nas nossas vastas colonias,  
não chegámos a passos agi-  
gantados á bancarrota?

Que uso teem feito da fa-  
culdade de nomear emprega-  
dos?

Vimos as secretarias atu-  
lhadas, innumerados addidos,  
uma luvião de gente ganhando  
rios de dinheiro sem prestar  
serviços correspondentes.

E tudo isto foi obra da po-  
litica, dos corrilhos, que pa-  
garam serviços eleitoraes com  
benesses tiradas do thesouro.

Quem nos não deu, pois,  
uma prova bastante de que  
sabia applicar o dinheiro que  
lhe fôra confiado, não se pôde  
vir arvorar em tutor de de-  
zenas de corporações, que, se  
umas não quizeram, outras  
souberam cumprir á risca com  
o seu dever.

\*

Depois da revolução do  
Porto, os governos teem pro-  
curado centralisar de mais em  
mais nas suas mãos os diver-  
sos poderes, collocar debaixo  
da sua dependencia todas as  
forças, que o podem preju-  
dicar em qualquer occasião.

Momentaneamente isto é  
um bom plano. Corta-se aos  
empregados, quer do gover-  
no, quer das camaras, toda a  
liberdade no exercicio das  
suas opiniões politicas.

Debalde os adversarios do  
regimen constituido batalha-  
rão e vencerão uma eleição  
camararia. Ainda mesmo as-  
sim os seus correligionarios  
não teem guarida.

Além d'isso como as me-  
didas d'um certo alcance quer  
administrativo, quer politico,  
não podem executar sem a  
sanção do governo, este usará  
quando lhe aprouver do seu  
veto e nada passará.

Comtudo estas ideias es-  
tão em diametral opposição  
com a carta constitucional.

No pacto fundamental a  
soberania popular e a soberania  
regia estão em perfeita  
egualdade. Passo a passo se  
garantem os direitos do cida-  
dão e do rei.

Que nas leis regulamenta-  
res uns sejam absorvidos pe-  
los outros, é um erro.

E até hoje a garantia po-  
litica dos cidadãos tem transluzido  
muito especialmente na  
liberdade ampla do seu regi-  
men municipal.

Pouco caso se fez do mi-  
nisterio absorver quasi por  
completo as attribuições das  
camaras legislativas. Viram-  
se decretar dictatorialmente  
decretos sobre decretos sobre  
todos os ramos da adminis-  
tração, sem que o ministe-  
rio se collocasse em dictadura.  
E essa corrente encontrou  
impassivel a opinião publica.

A razão está em que todos  
comprehendem que a camara  
dos deputados, forjada á ima-  
gem e semelhança dos gover-  
nos, pouco mais faz do que

sanccionar-lhes os projectos.

D'outra fórma succede com  
o esbulho da independencia  
de que até agora gosavam os  
municipios. Ao primeiro ata-  
que respondem as camaras de  
Lisboa e Porto, e certamente  
serão secundadas pelas de-  
mais do paiz.

Se assim procederem, es-  
tão no seu posto. Representam  
uma força enorme e por  
certo serão o maior obstaculo  
levantado ás reformas.



## AS ESTRADAS DA VILLA

Por mais de uma vez nos  
temos referido ao pessimo es-  
tado em que se encontram as  
estradas d'esta villa que estão  
a cargo do governo.

Pedimos para ellas provi-  
dencias e ou porque os nossos  
rogos fossem attendidos, ou  
por qualquer outra circum-  
stancia, vão-se ainda que mo-  
rosamente, effectuando alguns  
trabalhos, não de pequena  
monta. Reparou-se um peque-  
no traço na rua do Bazinco,  
outro maior em Cimo de Villa  
e agora conduzem-se mate-  
riaes em abundancia para a  
estrada de S. Miguel.

Escusado será repetir quan-  
to trabalho e com quantas  
difficultades luctam os can-  
toneiros e os conductores pa-  
ra effectuar semelhantes tra-  
balhos. A verba distribuida  
para as estradas do nosso con-  
celho foi insignificantissima,  
mal chegaria para comprar os  
materiaes necessarios, quanto  
mais para os conduzir d'Agun-  
cida e outros pontos egual-  
mente distantes até ao local  
onde teem de ser collocados.

Diremos apenas que ainda  
na terça-feira andou um dos  
cantoneiros por casa de todos  
os lavradores das nossas al-  
deias a pedir-lhes por favor  
para elles voluntariamente e  
sem remuneração alguma irem  
buscar pedra e calhau. E não  
é pequeno este sacrificio pe-  
dido porque quasi todo o gado  
está atacado de enfermidade.

Só quem desconhece por  
completo este assumpto é que  
pôde vir atacar com meia du-  
zia de phrases bombasticas e  
sem gramatica atacar, por  
exemplo, a camara municipal  
de não ter remediado a ruina  
das estradas.

Que terá a camara mu-  
nicipal com as estradas que não  
estão a seu cargo?

Coisa nenhuma. A camara  
nem sequer podia á sua custa

fazer os concertos, porque pa-  
ra tanto nem tinha auctoris-  
ação no seu orçamento nem ti-  
nha a auctorisación do gover-  
no, nem podia obter esta.

Cada corporação trata uni-  
camente das obras que estão  
a seu cargo.

Podiam accusal-a de não  
concertar as ruas, mas todos  
sabem que as estradas cama-  
rarias estão boas, sem lhes  
faltar a menor obra.

Ainda com bem menor cri-  
terio dizem que as estradas  
pertencem á junta geral e ao  
governo, e que a camara lhes  
devia pedir que proovessem a  
essa necessidade.

Não podiam escrever mais  
disparates em menos palavras.  
Em primeiro logar — hoje  
não ha estradas districtaes. As  
antigas districtaes estão agora  
a cargo do governo.

Em segundo logar — hoje  
não ha juntas geraes, porque  
todas ellas foram extinctas na  
ultima reforma do ministerio  
do reino.

Por ultimo — a camara na-  
da tinha que pedir ao gover-  
no, nem isso está nas suas  
attribuições.

O unico competente para  
dirigir taes petições era o de-  
putado do circulo. São os de-  
putados que eleitos procura-  
dores dos povos tratam em  
Lisboa dos seus interesses.  
Por isso era o sr. Aralla o  
competente para pedir dinhei-  
ro ao governo para as nossas  
estradas.

Que fez elle durante o tem-  
po em que durou a legislatu-  
ra? Deixou-se ficar em casa a  
maior parte d'esse tempo, e a  
respeito dos interesses do cir-  
culo e do concelho fez... coisa  
nenhuma.

Se ha responsabilidades a  
pedir não é a camara munici-  
pal que as tem de dar.

E tanto assim o compre-  
hendeu o povo, que estando  
verdadeiramente intransitavel  
a estrada de Gondezende de  
Esmoriz, vieram os habitantes  
d'esse logar a casa do snr.  
Aralla, antes das eleições pa-  
ra lhes arranjar dinheiro para  
o concerto da sua estrada, e  
o sr. Aralla prometteu-lhes.

E' verdade que n'esse tem-  
po elle promettia...

Recolham-se pois as accu-  
sações até nova ordem. E  
quando queiram accusar te-  
nham um pouco mais de scien-  
cia e um pouco menos de pe-  
tulancia.

## Novidades

**Nova feira**—Em abaixo  
assignado dirigiram-se os lava-  
dores dos nossos sitios á camara

municipal que se estabelecesse  
uma nova feira de gado e artigos  
de mercancia no largo do Mar-  
tyr S. Sebastião, no dia 12 de  
cada mez.

Por vezes temos expellido a  
opinião que se deviam reunir as  
duas feiras de S. Miguel e S.  
João em uma só feira no largo  
agora indicado, a qual teria lo-  
gar no dia 1 de cada mez.

Porém esta nossa idéa ainda  
encontra alguma opposição n'al-  
guns lavradores, que não querem  
preocindir d'aquellas duas anti-  
gas feiras.

A camara ainda se não occu-  
pou do assumpto na sessão em que  
o requerimento for apresentado,  
nem n'outra posterior, devido ao  
muito trabalho na confecção das  
contas e do orçamento do anno  
futuro.

E' provavel que o requerimen-  
to seja breve deferido com leves  
modificações.

Estimamol-o deveras porque  
representa um melhoramento pa-  
ra a nossa terra, trazendo muito  
leves encargos.

**Nova capella**—Vae prin-  
cipiar a reedificação da capella  
da Nossa Senhora da Graça.

A zelosa commissão, encar-  
gada de administrar esta confraria,  
tem empregado os maiores  
esforços para que no futuro anno  
a capella esteja de todo acabada.

Merece d'uma esmolla avulta-  
da offerecida por um cavalheiro  
da nossa villa cessam as difficul-  
dades monetarias.

**Correspondencia**—Não  
recebemos carta do nosso corres-  
pondente de Lisboa; porém uma  
carta sua explica-nos essa falta,  
promettendo continuar os seus  
escriptos nos numeros seguintes.

Um outro cavalheiro a quem  
nos prendem laços de sympathia  
enviou-nos d'alli uma correspon-  
dencia, que gostosamente publi-  
cariamos e até já tinhamos man-  
dado para a typographia, se por-  
ventura não houvessemos recebi-  
do na sexta-feira a carta a que  
acima alludimos.

Creia o nosso intelligente  
amigo que o facto de não ser  
publicada a sua correspondencia  
de fórma alguma significa menos  
consideração. Gostavamos muito  
de o ver collaborar com o nosso  
correspondente, porém como a  
sua correspondencia é uma res-  
posta a um ataque feito a ou-  
tro, parece-nos que incorreriamos  
em falta se não deixassemos o  
accusado ou supposto accusado  
á inteira liberdade para se defen-  
der.

**Processo crime**—No  
processo crime, resultado da de-  
sordem que no numero passado  
desenvolviamos narramos, es-  
tão pronunciados José d'Araujo  
Pinto, o mudo papim Chia e o  
Bita.

Outros processos crimes se- guem em juizo, mas por emquan- to nada consta d'elles.

**Os policiaes fiscaes**— Podia alguém ver na noticia que publicamos sob o titulo "vexames ao commercio," qualquer alluzão ao chefe dos policiaes fiscaes do real d'agua que tantos damnos teem levantado, com o seu procedimento, nos commerciantes.

Longe de nós estava porém semelhante intenção.

Ha muito tempo que o sr. Machado está n'esta villa e não consta que o seu procedimento tivesse maguado alguém. Pelo contrario, sempre o serviço foi feito com a maxima delicadeza, que de fórma alguma excluía o maximo rigor.

Antes de escrever aquella noticia sabiamos que o sr. Machado publicamente recommendava aos seus subordinados a maior correcção no serviço. Comtudo os seus conselhos foram despresados; e quasi em resposta a elles dizia um ao outro guarda que o que queria era ser d'aqui transferido.

Parece que taes homens, que a tanto se expunham, deviam ter o maximo cuidado em cumprir a lei. Pois não é assim. Um d'elles nas horas vagas entretem- se a andar por ahí á caça sem licença, pelo que foi dada na administração do concelho uma queixa. Outros lembram-se de em um processo injuriar o sr. administrador do concelho allegando que elle preferiu um despacho ou permittiu uns termos d'esse processo de transgressão por o arguido ser seu affeiçãoado.

E depois d'isto o que esperam elles?

Lá vão os processos para o tribunal judicial, afóra outros que a seu tempo se intentarão, caso seja necessario.

**Julgamento** — Na sexta-feira foram julgados em policia correccional José Maria da Graça Soares de Souza, Joaquim Diogo e João Mendes de Vasconcellos, o primeiro accusado de na vespóra da eleição de deputados ter espancado dentro dos paços do concelho o official da camara, Pico, quando conduzia com um pescador as urnas para a eleição, e todos conjuntamente accusados de terem esperado e atacado de noite o sr. dr. Francisco Ferreira d'Araujo, disparando-lhe um tiro.

O primeiro reu foi condemnado a 30 dias de prisão pelo primeiro crime e, quanto ao outro, demonstraram pelas suas testemunhas de defeza que não tinham tomado parte na aggressão e por isso foram absolvidos.

**O regulamento da hydraulica** — Prescreve o regulamento da hydraulica que todos os barcos devem ser matriculados na capitania do porto.

Ora quasi todos os barcos do nosso concelho estão sem matricular por desmazelo ou incuria dos seus donos ou arraes. Succede que quando vão em transitio para Aveiro, a policia hydraulica multa os barqueiros e quando estes não entram no cofre com a multa são chamados ao juizo criminal.

Aqui os prevenimos para que cumpram aquella prescripção do regulamento, o que lhes não é

muito difficil nem tão pouco dispendioso.

Porque até aqui tem havido desleixo na matricula e nenhuns incommodos teem padecido os seus donos, não se segue que continue a mesma ordem de coisas.

**Fallecimento.**—Falleceu na sua casa da Ribeira a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria José Estevam Aralla, esposa do snr. dr. Domingos Aralla.

Era a finada dotada das mais raras virtudes e d'um coração d'ouro. D'uma educação primorosa, era principalmente no seio da sua familia que expandia os seus bellos dotes.

Admirava-a toda a gente da villa e os pobres encontravam n'ella o seu conforto.

Ao snr. dr. Domingos Aralla e sua ex.<sup>ma</sup> familia damos sentidos pesames.

**Nascimento**—Deu á luz uma creança do sexo feminino a ex.<sup>ma</sup> esposa do snr. Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Parabens.

**Impostos municipaes.**—E' hoje arrematado o imposto do real d'agua camarario.

**O «Jornal dos Mendigos»**—Conta uma folha parisiense, que se publica em Paris, um diario manuscripto, intitulado «O Jornal dos Mendigos», o qual dá todas as manhãs aos seus assignantes a lista muito completa dos baptismos, casamentos e enterros ricos que devem realisar-se n'esse dia, e em que a receita promete ser abundante.

**Protecção ao militarismo**—O tenente Salisch, que em 20 de março do anno corrente tivera uma questão com um empregado de commercio, n'uma rua de Colbentz, matando-o a golpes de sabre e sendo por este facto condemnado a um anno de prisão n'uma fortaleza, foi ha pouco agraciado pelo imperador. Mal se viu em liberdade, o tenente intentou processo por injurias e offensas á mãe da sua victima, que em 8 de julho ultimo lhe escrevera uma carta em que, «para aliviar o seu coração», lhe censurava em termos um pouco duros a morte do filho.

A pobre mãe acaba de ser condemnada na multa de 30 marcos.

**Vapor a pique**—Despachos de Shanghae noticiam que o steamer sueco «Nordman» fôra arrojado por uma tempestade contra os recifes do archipelago dos Pescadores, muito proximo do banco d'areia em que encahara o «Bakhora».

Toda a equipagem, excepção feita de dois marujos, e todos os passageiros—trinta pessoas, pereceram.

O «Nordman», construido na Inglaterra, fazia a sua primeira viagem.

**Observação d'um medico inglez**—Um medico inglez, Mr. Ogle, diz o «Petit Journal», constatou que, em Londres, morriam por anno duas mil creanças abafadas accidentalmente na cama, e que era sobretudo nas noites de sabbado para domingo que semelhantes accidentes se produziam.

E' causa d'isso a embriaguez dos paes que dormem com os filhos.

Os inglezes, com effeito, embebedam-se da melhor vontade nos sabbados á noite, sem duvida para melhor poderem cozer a embriaguez nos domingos.

**NOTICIAS DO BRAZIL**

Dizem do Rio de Janeiro em data de 25 de novembro.

Continuam a affluir a esta cidade telegrammas e outras participações, dando conta das festas com que em todo o Brazil foi saudado o dia 15 de novembro anniversario da proclamação da republica.

Houve, apenas, ao que parece uma ligeira semsaboria no Pará.

O jornal *O Democrata*, que se publica em Belem, capital d'aquelle Estado, em artigo editorial, ridicularizou as festas que se realisaram a 15 e 17 do corrente, em commemoração do 3.º anniversario da proclamação da Republica.

Censurou tambem os estrangeiros que tomaram parte n'aquelles festejos.

O referido artigo foi mal recebido pela opinião publica.

O sr. João Lucio d'Azevedo, membro da numerosa colonia portugueza em Belem, e que pertencia á commissão organisadora das festas, repelliu energicamente as censuras do *Democrata*.

O caso não passou d'isto.

—Não é exacta a noticia dada por um jornal d'esta capital e mandada para a Europa de que o sr. visconde do Guahy tenha tenção de retirar-se da presidencia do Banco da Republica.

O illustre cidadão gosa da inteira confiança dos accionistas do importante estabelecimento e de toda esta praça, que reconhece a sua competencia e o seu patriotismo.

—No despacho de hontem foram sancionados os orçamentos da receita e despeza geral para o anno vindouro.

—Ante-hontem, por volta das 8 horas da noite, na casa n.º 79 da rua Senador Pompeu, uma creança de 10 annos aproximadamente, abrindo a porta, sahiu para fóra, gritando por soccorro.

A patrulha de policia, que rondava nas immediações, correu ao logar.

Acabava de occorrer alli um barbaro assassinato.

N'esta casa vivia, entre outras pessoas, Rosa Miquelina Vieira, portugueza, de cerca de 40 annos de idade, casada, mas separada do marido, que, segundo consta, se acha actualmente em Petropolis.

Costumava frequentar essa casa, de visita á Miquelina, com quem entretinha relações amorosas, Antonio Bispo dos Santos, soldado da 2.ª companhia do 1.º regimento de infantaria da brigada policial.

Bispo passou todo o dia de ante-hontem em companhia de Miquelina, que lhe prepara uma refeição.

A hora citada, enquanto se achavam á mesa, depois de uma ligeira conversa, o soldado Bispo, sem que cousa alguma o demonstrasse, avançou para Miquelina e, empunhando uma faca, apunhalou-a.

Achava-se tambem presente uma creança, filha d'aquella mulher, que, vendo sua mãe ferida, correu para a rua a bradar por soccorro.

O assassino foi-lhe ao encalço e arremessou-lhe um socco, que pouco a molestou, não a proibindo de chegar á rua.

Vendo que lhe escapava a segunda victima, tornou á primeira e contra ella vibrou mais 13 punhaladas em varias partes do corpo.

Em seguida tentou fugir, correndo para o quintal da casa, em cujo gallinheiro arremessou a faca. Ahí, porém, foi preso.

Avisado o dr. Vaz Pinto, delegado da respectiva circumscripção, compareceu ao local, acompanhado do seu 1.º supplente Motta e varios agentes de policia.

Bispo já estava preso.

No ligeiro interrogatorio a que foi submettido, o assassino nada adeantou, nem fez descobrir o movel do seu crime.

A menina, filha de Miquelina, no entanto, adeantou que o mandante era Daniel de tal, morador na rua da Costa, o qual foi preso.

Além d'essa, tem a victima outros filhos—um em Portugal e mais outro n'esta cidade, que, juntamente com a irmã, foi depositado em casa do snr. Vaz Pinto.

Bispo dos Santos, o assassino foi remettdo para o quartel de policia, tendo sido o quarto em que se deu o assassino fechado por ordem do delegado.

—Foi collocado hontem no salão de honra da secretaria do interior, no mesmo plano em que está o retrato do dr. Benjamin Constant, o do sr. marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica.

—Os telegrammas de Minas communicaram que os habitantes d'aquella circumscripção da Republica se abstiveram de um modo desolador na ultima eleição federal, não comparecendo grande numero de secções, nem mezarios nem votantes.

—Nos centros politicos commentava-se muito hontem a ausencia dos membros do corpo diplomatico nas festas commemorativas de 15 de novembro.

—Foi brilhante o concerto organizado pelo celebre pianista portuguez Alfredo Napoleão, no salão do Casino Nacional.



**RISCOS**

Nos pincaros das serras desponta a lua envolta em frigidissima gaze de nevoeiro. As aves emudeceram e pelas tectos das casarias acachapadas sahem rolos de fumo. Um ou outro transeunte perpassa tiritando de frio.

A natureza despiu as galas e, nas arvores, a seiva corre vagarosamente, paralyzando quasi.

O frio entorpece a vida phisica, o frio congela os membros e despe os troncos.

Só não tem acção sobre a alma, só não pôde quedar a imaginação.

Para esta qualquer coisa basta. A cripta d'um tempo, um rumor longinquo trasido pela aragem cortante, uma cruz de granito, solitaria podem servir de pedestal para construir um palacio aereo, mil aspirações phantas- ticas.

É uma força enorme, que já mais se dominou. Prendam-na, acorrentem-na embora á resolução d'um problema, e ella sahindo fóra do raciocinio, vae á procura do seu ideal.

Xavier de Maistre chamou-lhe *bête*, eu denomino-a a principio vital da nossa existencia.

Viver da materia, circumscrever a ella todo o nosso ser, seria estupidificar-nos.

A arvore vive, mas o frio domina-a. Nós, debaixo da mesma acção, luctamos e dominamos a temperatura.

Era por isso que o luar frio de dezembro me encontrava só, meditabundo em frente d'um cruzeiro de granito, enquanto um ou outro raro transeunte perpassava tiritando de frio.....

\*

E como o meu pensamento corria... Que miragens seductoras vinham revesarse no keleidescopo da imaginação!...

E a lua, erguendo-se por sobre os pincaros das serras envolta em frigidissimo gaze de nevoeiro, espicaçava a imaginação febril onde um vulto se começava a esboçar.

O rugido d'uma praga chamou-me á realidade prosaica do meio em que vivo. E logo todas as illusões se desfizeram como os rolos de fumo, que sahem pelos tectos das casarias acachapadas....

João Fernandes.

**Litteratura**

**NOIVOS...**

O sol vinha já despontado. As estrellas, essas preciosas joias que revestem e engrinaldam o infinito, iam-se lentamente apagando, dando assim logar a que os clarões da aurora, viessem annunciar a manhã, que parecia sorridente e bella.

O alegre gemido do bronze, entoado no campanario da ermida, chamava os fieis a assistirem á cerimonia da missa primeira.

A população da vasta aldeia envergando os seus fatos de ir ver a Deus, pre-surosos corriam a presenciar o religioso acto.

Dentre todos sobresahiam, pelo garrido dos trajes, dois entos, que se estremeciam e amavam havia muito, e que dentro em pouco iam pertencer um ao outro eternamente, tal era o futuro risonho e alegre que previam nos seus doirados sonhos.

Tal era a esperança e amor que nos seus peitos dominava.

Consumou-se o acto da celebração da missa.

A multidão de fieis conservou-se silenciosa, abrindo alas, á passagem do par, que ia ser unido pelos indissoluveis laços do hymineu.

Chegados ao altar, ajoelham ante o sacerdote, que entrelaça as mãos dos dois, e depois de apertado o eterno laço da união, abençoou as duas almas, que foram seguidas pela numerosa comitiva da boa gente da aldeia, e que espargiam flores sobre as cabeças dos dois amantes—os noivos.

Na freguezia e circumvisiões proximas, foi um dia de festa, por se consorciarem, os gentis moços, que tanto estremeciam e adoravam.

No regresso, o sino da capelita, repicava uma das suas melodiosas entoações; e elles com o semblante revestido de alegria, davam graças ao Céu, por terem a ventura de pertencer, um ao outro para sempre.

Porto, 1892

José Joaquim d'Oliveira.

## As Tres Boas Fadas

Havia n'aquelle tempo tres fadas chamadas Abondia, Myrtilla e Caricinia, que eram meliores que todas aquellas que pudessem ter existido. Não conheciam prazer maior que o de proteger os desgraçados, e nisso empregavam ellas todo o seu poder. Nada as decidia a assistir aos bailes dados por suas companheiras na floresta de Brocelandia em noites de luar, nem tão pouco aos festins em que os sylphos servem de escudeiro e vertem gottas de orvalho em calices de lyrios,—o que no dizer de Tomaz, o trovista, é a cousa mais agradável do mundo—se não tivessem já n'esse dia dissipado muitas angustias humanas; e de tal modo as ouviam que de muito longe eram por ellas escutados os soluços dos corações e rorejar das lagrimas. Abondia, que de preferencia visitava os arredores das grandes cidades, apparecia repentinamente nas pobres mansardas, e para isso quebrava umas vezes um vidro, que era logo substituido por um diamante, sem que houvesse necessidade; outras vezes disfarçava-se em tenuissima fumaça de lar quasi apagado e, presa de fome e faltos de trabalho, ella com um simples sorriso transformava esses frios e miseraveis albergues em sumptuosos palacios cheios de bellos moveis, de guardas-comidas repletos e de cofres onde abundavam moedas de ouro.

Myrtilla, não menos caridosa, procurava sobretudo os camponeses pobres, que nas suas choças se lamentam porque a neve queimou a promettedora flor das searas, e que entre o armario sem pão e a arca sem roupas, intimamente se perguntam se não seria melhor deixar os filhos nos bosques, não tendo com que os vestir nem que lhes dar a comer. Facilmente então ella os animava, quer offerecendo-lhes efficazes talismans, quer aconselhando-os a fazer promessas que nunca deixavam de ser cumpridas. E aquelles me-mos que tres minutos antes não tinham que dar de esmola a um pintasilgo que lhes batesse á vidraça, viam se repentinamente transformados em ricos burguezes, tendo casas bem sortidas de tudo, ou em poderosos monarchas com palacios de porphyro e pedrarias. A caricinia pertenciam os pezares dos amantes, porque isto a commo-via; mais que todas as amarguras. Tornava feis as namoradeiras e os inconstantes, fazia compassivos os corações dos filhos; e quando sabia que algum velho mendigo das estradas se tinha ena-

morado da filha de um rei, ella, o metamorphoseava em um principe bello como o dia, para que pudesse desposar a sua bem amada. E se continuassem as cousas sempre assim deixaria de haver miserias e amarguras, graças ás tres boas fadas. Mas isso não seria muito do agrado de certo cruel feiticeiro, que era dotado dos mais perversos sentimentos para com homens e mulheres. Só a lembrança de que se deixaria de soffrer e chorar sobre a terra lhe causava tormentos insupportaveis.

E não podendo saber qual das tres boas fadas mais detestava, tinha por ellas o major odio. Resolveu por isso um dia impedir que ellas fossem a felicidade dos desgraçados; cousa que era para elle facilissima, em vista dos grandes poderes de que dispunha.

Fel-as comparecer á sua presença e, depois de encrespado o sobrolho, disse-lhes que durante muitos seculos ficariam privadas dos seus festivos dias; accrescentando que só d'el'le dependia o transformal-as em reptis repugnantes ou em objectos, como pedras, troncos ou regatos; mas que, compassivamente se se dignava de transmodal-as n'aquillo em que mais lhes agradasse cumprir a inexoravel pena. Ninguem poderá calcular o pesar, que sentiram as tres fadassinhas; não porque perdessem glorias e privilegios, ou porque muito lhes custasse a renunciar os bailes da floresta de Brocelandia e aos festins dos palacios subterraneos illuminados por sóes. O que muito e muito as penalizava era que não mais poderiam vir em soccorro dos desgraçados.

«Pois que! pensava Abondia, homens e mulheres morrerão de frio e de fome pelas mansardas sem que eu mais os possa consolar?!» E Myrtilla dizia consigo: «Que virá a ser dos camponeses que junto do lar apagado choram porque a neve lhes crestou os ramos dos pomares em flôr? Quantas creanças ficarão abandonadas pelos mattos, não vendo outra luz que a dos olhos dos lobos que as espiam ou a lanterna accessa ao longe pela mulher do lobishomem?» E Caricinia, soluçando meditava: «Como os amantes vão soffrer! E ainda hoje mesmo soube que um pobre cantor das ruas, sem eira nem beira, morre de paixão pela princeza de Trebisonda.

Infeliz d'elle porque, coitado, sem mim não poderá desposar!

E todas as tres boas fadas se affligiram por muito tempo; soffriam, soffriam todas as dores que d'ellas não poderiam fazer alegrias e com ellas derramavam todas as lagrimas que já não enxugariam.

Sinceramente, porém, no meio do seu desespero ainda lhes restava uma pequenina consolação. Era-lhes permitido escolher a apparencia das cousas sob a fórma das quaes vivessem junto dos homens e, graças á feliz escolha que fizessem, talvez pudessem exercer ainda a sua benefica influencia.

Embora reduzidas á impotencia das cousas mortaes ou pereciveis, não seriam completamente inuteis aos desgraçados.

Puzeram-se então a pensar no que seria melhor escolher para não deixarem de ser boas

Abondia, lembrando-se dos

sous pobres, desejou ser uma pessoa rica, muito rica, que sem custo pudesse fazer esmolas; mas pensando nos lares apagados e nos frios catres, não lhe desagradaria ser chamma ou bom leite onde descansam os miseros trabalhadores. Myrtilla queria ser rainha para fazer cort-zãos agaloados de todos os camponeses esfarrapados, ou então ser o raio que desviasse as nuvens malevolas, ou a boa lenheira que guiasse os pequeninos perdidos á morada paterna. Quanto a Caricinia, na intenção que tinha de ser boa aos corações, consentiria de bom gráo em ser transmutada em esposa boa, fiel e sincera, tendo por cuidado unico a felicidade do esposo, ou então em noiva tímida e apaixonada.

Vinham-lhes, porém outras idéas e hesitavam, comparando as vantagens de outras metamorphoses, quando lhe disse o Feiticeiro:

—Então, já resolveram? Ha muito que pensam e eu não tenho tempo a perder.

Que desejam ser? Andem digam depressa.

Fez-se grande silencio; afinal disse Abondia:

Pois seja eu o vinho que se bebe nas tabernas dos arredores das cidades, porque melhor que o pão da esmola e o calor dos lares e o repouso dos leitos, a embriaguez consola os corpos cansados e os tristes corações.

—E seja eu, disse Myrtilla, as cordas do violino d'un velho menestrel! Porque muito mais que os trajos agaloados em substituição dos andrajos, que a fuga das nuvens ameaçadoras, e que a volta á casa das creanças perdidas, a canção que faz dançar, é boa aos miseraveis.

—E eu, disse Caricinia, quero ser a bohemia das encruzilhadas, que offerece aos viandantes o seu riso e os seus beijos. Porque é no amor livre, louco, de acaso, sem decepções nem saudades, que o homem esquece o tedio e o desespero da vida.

Desde esse tempo Abondia ri nos copos cheios, á mesa das tabernas; Myrtilla faz dançar nas bodas campestinas, debaixo das grandes arvores da praça, ou nos terreiros das estalagens. E são felizes, as boas fadas decaídas, pela alegria que dão, mas invejam a sorte de Caricinia, pois sabem que só ella faz a melhor das caridades.

Catule Mendés.

## Coimbra, 9 de dezembro

Vivia por aqui socegado, bem longe d'esse vulcão politico, quando vejo jogarem umas biscoas os rapaxinhos que no meio da semana nos dão noticias suas em jornal arranjado na mercearia chineza.

Que culpa terei eu, que moro na Luza Athenas, com o que escreve quem está em Lisboa?

Nenhuma, mas já que querem palestra, tiremos um bocado á *sebenta* e vamos á obra.

Nunca me importei com a politica da minha terra embora a ella tenha ligada bastante gente pelos laços do parentesco; porque sempre me ensinaram que um rapaz deve primeiro do que tudo trabalhar no ramo a que se dedica e depois distrahir-se.

Pareceu-me tambem que os

ares de importancia necessarios aos politicos transformam-se em modos de petulancia n'um rapaz, que não tem posição que os fundamente.

Por isso em Coimbra estudo e em ferias divirto-me—a politica fica para os outros.

Ora os rapaxinhos, que me jogam as biscoas, encobertos pelo anonymo, mas que eu muito bem conheço e cuja erudição se mede aos palmos, melhor fariam se se entretivessem com charadas novissimas e a ouvir as lições do *homem do charuto*.

Elles são tão ridiculos quando atacam, como quando escrevem artigos de fundo, que só assim se podem classificar pelo logar do jornal em que os collocam. Nem com os ataques chegam a incomodar ninguem, nem com os taes artigos chegam a expender idéas que se percebam.

Em todo o caso lá vão andando, embora os outros não se importem dos seus *ditinhos*, nem sequer lhes respondam.

Mas eu é que os não deixarei sem resposta, caso m'o consentam.

—Bem sei, rapaxinhos, a raiva que vos atacou, já tinheis os empregos da camara distribuidos e o caso mudou de figura.

Cada um de vós já estava a afiar os dentes para roer o osso do emprego, prometido ha muito. Mas o osso foi-se embora e agora tendes de roer.....

Por isso vos atraias desesperadamente ás canellas de toda a gente, rabidos, esfaimados.

Mas que se importa a gente séria da vossa raiva? Nada.

D'aqui vos digo eu—adeus logar de secretario da camara, de amanuenses, de mestres d'obras! Nunca mais vos apanharei!

E quando vós estiveres mais damnados, requeiro á camara que vos mande atirar a bola. E' justissimo que os municipes fiquem isentos de ir a Paris tratar-se com Pasteur.

Cá fico esperando por vós, rapaxinhos.

João Sincero.

## NOTICIAS DO PORTO

Porto, 9 de Dezembro

Nada de palpitante, por aqui occorreu, a não ser a deliciosa corrida de velocipedes, realisada na Avenida da Boavista a que assistiram milhares de pessoas, e as festividades celebradas hontem, onde o nosso bom povo encontrou distracção.

O dia d'hontem é realmente digno de uma chronica. Não digo com este alvitre que apresento, sejamos competentes, a ponto de narrar-mos as varias peripecias desfraldadas á nossa vista, porque isso compete a um grande chronista, e não á nossa mesquinha e curta intelligencia; no entanto, faremos a simples narração de tal dia, attenta e circumstancia de os antecedentes, não revestirem este ou aquelle facto importantes, que recheiem, o pequeno espaço, occupado por nós, nas columnas do «Povo d'Ovar.»

A manhã, apresentou-se revestida d'um espesso nevoeiro, acompanhado d'um frio rigido, intenso, inspirando receio de um dia recamado de fortes agnaceiros.

Mais tarde, foi o sol, pouco e pouco, illuminando os vastos horizontes, expedindo assim, sobre nós os seus refulgentes raios. A atmosphera até então, carregada principiou de conservar-se limpa e serena. Um verdadeiro dia de primavera.

Assimé que, os templos sagrados, onde se festejava a immaculada Conceição, foram immensamente concorridos de feis, os quaes dispersando em debandada se dirigiam em grupos, caminhando em direcção ao local, onde se verificava a corrida de velocipedes, promovida pelo Club Velocipedista do Porto.

A vasta rotunda da Boavista, estava transformada em circo, e ornamentada com bandeiras, trophes, pedestaes, vasos, etc.

Foi hontem a primeira vez que assistimos a uma diversão de tal ordem, agradável e distincta, attendendo a que no Porto existe um só club, que proporciona taes attractivos. Um artista distinctissimo, apreciamos nós, que incontestavelmente é George Minchin, quem ganhou o primeiro premio da corrida (medalha de ouro) e na «negativa» tambem lhe coube o primeiro premio, n'este ponto é que Minchin nos surpreendeu, perante os seus maravilhosos trabalhos sobre o velocipede. Os restantes velocipedistas, muito arrojados e bons discipulos.

Nós que não podemos deixar de applicar um fio de justiça, aquelles que a merecem, não podia-mos ficar silenciosos, se não manifestassemos por esta fórma, nas columnas da imprensa, a nossa manifestação de estima e apreço á direcção do Club Velocipedista do Porto, e seus associados, juntamente um bravo a George Minchin, que se nos revelou sem duvida o primeiro artista portuguez, no genero.

—Foram luzidissimas as festividades á Padroeira, Virgem da Conceição. No Carmo, cuja festividade foi promovida pelos alumnos das aulas, o acto religioso foi brilhante. Sob a regencia do maestro Eduardo da Fonseca, foi executada a missa de Gaspar. Orou o rev. F. J. Patricio.

—Reune no proximo dia 22, a assembleia geral da Companhia Carris de Ferro.

—Por aqui frio, tem continuado a ser rigido, o que por certo, não causa estranheza, pois vamos atravessando o rigoroso Dezembro.

De volta—Recolheu já ao Porto, a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Izaura G. Reis Guimarães, restabelecida por completo dos seus padecimentos, e que á conselho da medicina tinha ido convalescer-se para Santo Antonio da Maia. Regosijamos com tão grata noticia, e a seus extremos paes, as nossas mais sinceras felicitações.

Comicio—A classe industrial do Porto, promove para segunda feira proxima no theatro Principe Real, uma reunião, que se verificará pela 11 hora da tarde, á qual assistem os operarios de ambos os sexos.

O fim da reunião, é dirigir uma mensagem ao chefe do Estado, afim de não serem alteradas as actuaes pautas em vigor.

—Não transmittio nada mais, pois nada occorreu, e se a memoria me não atraiçoa, vae dentro em breve partir o correio. Até já.

J. J. Oliveira

## BOM NEGOCIO

Trespasa-se o Hotel do Furadouro ou vende-se todos os moveis pertencentes, por seu dono não o poder administrar.

Tambem vende um *bilhar*, de nogueira e pao setim em bom uso.

O proprietario  
*Silva Cerveira.*

OVAR

## ARMAÇÃO

Vende-se uma, toda envidraçada e quasi nova, com um bom balcão, de loja de fazendas.

Pode, quem quizer, dirigir-se á redacção d'este jornal que aqui se diz.

## A AVÓ

POR

## ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição, correcta e augmentada pelo auctor.

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.<sup>a</sup>

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA  
OS

## Companheiros do punhal

POR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação  
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Publicada a 1.<sup>a</sup> caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empresa editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

## UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se hão—O *Castello da Raiva* de L. Stapleau—*Um drama de revolução* de Ernesto Daudet *Mont Oriot*, de Guy de Maupassant.—*O grande industrial* e *Sergio Panine* de George Ohnet.—*Clotilde* de Alphonse Karr.—*Sapho* de A. Daudet.

## CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 réis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empresa da BIBLIOTECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

## LAURA ALMEIDA

Ateliers de vestidos e chapéus

19, Calçada Nova de Sant'Anna, 19  
LISBOA

Esta casa acaba de contractar novas modistas de vestidos e chapéus, cujo o bom gosto e elegancia são sobejamente conhecidos.

Toma conta d'encomendas para a provincia, encarrega-se d'envoas de noiva e de baptisado, envia—franco de porte—AMOSTRAS E FIGURINOS a quem os pedir e pelas condições em que está montada, ninguem pode competir.

PREÇOS DE COMBATE. VESTIDOS feitos a 6:000, 7:000, 8:000, 9:000, 10:000, 11:000, 12:000 e mais preços.

CHAPEUS a 1:500, 2:000, 3:000 e 4:000 reis, Capas, casacos, etc.

Feitio de vestido..... 2:500

Feitio de vestido de seda..... 3:500 ou 4:000

Feitio de chapéu..... 500

N. B. Os vestidos de luto, fazem-se em 24 horas.

Pagamento adiantado. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LAURA ALMEIDA

19, Calçada Nova de Sant'Anna, 19—LISBOA.

## BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 réis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

## REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato grande, bom typo e bom papel 100 réis; pelo correio 105 réis. Requisições á Empresa Editora—LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries de seis fasciculos.—Beco da Amoreira, 9, 3.<sup>o</sup>

No prélo:—Dicionario de Jurisprudencia e Legislação Portuguesa. Preço do fasciculo 100 réis; pelo correio 105 réis, pedidos á empresa editora—LETRAS E LEIS.

## CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS  
E CRIANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmiento

»

Amelia de Moraes Sarmiento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde

Chamadas para PARTOS a qualquer hora

PORTO

## AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.<sup>a</sup>

26, Rua do Marechal Saldanha  
26—Lisboa.

## ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agrícola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infantaria  
e ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Editores

LOEN TAXIL

## OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.<sup>o</sup> FRANCISCO CORREIA PORTOCARRIBEIRO

Com uma dedicatória  
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctoriseção do em.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve de S. Santidade Leão XIII, animando-o, e abençoando-o, e que foi louvado pelos ex.<sup>mos</sup> e rev.<sup>mos</sup> srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Rennes, Bispo de Montpellier, Bispo de Coutances, Bispo de Sees, Arcebispo de Gran, Arcebispo de Turim, Bispo de Soissons, Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napoles, Bispo de Rodez, Bispo de Bayeux, Arcebispo de Chambery, Bispo de Bannes, Bispo de Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras Preço de cada fasciculo 100 réis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes n'essa occasião o competente recibo. Concluida a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se hão tres fasciculos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis.

Acceitam se correspondentes nas terras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—Porto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

## OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico, em seis cantos, reproduzido in-extenso com todas as liberdades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho  
=Editora. Rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto.

MAURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA  
ARTES E OFFICIIS

Variadas e curiosas receitas e processos de physica e chimica pratica sobre artes, Economia domestica, Photographia, etc.

## RECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentess sortes e experiencias, Cryptographia, methodos para correspondencias secretas, 27 gravuras explicativas.

A' venda em todas as livrarias.

Preço..... 400 réis

« ..... 420 «

Deposito—Livraria Portuguesa, Loyos, 56—Porto.

## A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS  
PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.<sup>o</sup>  
de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis  
4\$000—6 mezes 2\$100  
rs.—Numero av lso rs.  
200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros  
portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portuguesa, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.